

## AS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E VERDADE NO DIÁLOGO CRÁTIL DE PLATÃO

Marcílio Bezerra Cruz<sup>1</sup>; Anastácio Borges de Araújo Junior<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Filosofia; E-mail: mbc\_cilio@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Departamento de Filosofia – CFCH – UFPE. E-mail: abaraujojr@gmail.com

**Sumário:** o referente trabalho objetiva analisar as possíveis relações entre a linguagem e a verdade no diálogo *Crátilo* de Platão. Nele, buscamos analisar as duas principais concepções da linguagem no mundo antigo, representadas no interior do diálogo pelas personagens “Hermógenes” e “Crátilo”. Depois, a partir das concepções supracitadas, tentamos compreender a própria reflexão platônica acerca do assunto, observando como, ao refutar ambos os paradigmas, o filósofo parece fazer a personagem Sócrates lançar os germes da hipótese das ideias inteligíveis. Para isso, utilizamos o método analítico que, ao realizar uma leitura imanente e rigorosa dos principais desenvolvimentos discursivos da obra, auxiliou na apreensão dos conceitos por ela elaborados. Por fim, através da compreensão proposta por Platão no final do diálogo, o trabalho nos revelou que somente através do processo dialético é que podemos construir relações efetivas entre a linguagem e a verdade.

**Palavras-chave:** convencionalismo; linguagem; naturalismo; Platão; verdade.

### INTRODUÇÃO

Dentre os inúmeros pensadores que de fato auxiliaram no desenvolvimento reflexivo e científico da humanidade, poucos tem tanto destaque na trajetória histórica do homem quanto Platão. O filósofo Grego é, sem dúvida, um dos pensadores mais citados desde o seu século V a.C. – influenciando tanto diretamente quanto indiretamente importantes e brilhantes mentes no curso da trajetória histórica da humanidade. Não obstante, mesmo sendo continuamente citado e discutido, ainda é quase impossível afirmar diretamente qual foi o seu real posicionamento diante dos infindáveis problemas filosóficos encontrados em seus diálogos. E isso se dá justamente pelo fato do filósofo ter escrito *diálogos* e dissipar suas reais hipóteses por entre as falas de suas personagens. É certo a influência de Sócrates na vida do filósofo e isso pode ser visto, por exemplo pelo seu reflexo que perpassa quase todo o *corpus platonicum*. No entanto, mesmo sendo a personagem principal na maioria dos diálogos, não podemos sempre designá-lo como porta voz da filosofia de Platão – isso por que o filósofo tinha a sua própria filosofia. O que podemos e devemos fazer, contudo, é investigar – de modo hermenêutico – em que medida Platão se evidencia tanto através de Sócrates quando das suas demais personagens.

Os estudiosos vêm, ao longo de todos esses séculos, tentando justamente extrair o seu pensamento por de trás dessas máscaras. Mas foi somente com a estilometria, no final do século XIX, que fora possível ordenar sequencialmente os diálogos de Platão e descobrir, a partir daquele que seria seu último e inacabado escrito (*As Leis*), aqueles que continuam as suas possíveis teorias acerca dos temas debatidos. Descobriu-se, por exemplo, que dentre as mais diversas e interessantes pesquisas realizadas pelo filósofo da academia, o filósofo dedicou um grande número de obras ao tema da “verdade”. Desde sua juventude até a velhice, o tema da verdade parece ter feito parte das suas investigações filosóficas – encontrando diversas tentativas de defini-la. Isso pode ser explicado, em parte, por conta do movimento sofistas que, no século V a.C., pregava o relativismo sobre

tudo e qualquer coisa. Seguindo a esteira de Sócrates, Platão procurou efetivar a importância de uma verdade imutável. No *Político* (300c), por exemplo, o filósofo compreendia a verdade (*Alethéia*) como o *conhecimento verdadeiro das coisas* – distanciando energicamente dos discursos pregados pelos sofistas de que “o homem é a medida de todas as coisas”.

Essa necessidade de uma verdade imutável pode ser encontrada desde os seus primeiros diálogos. Quando Sócrates busca encontrar uma definição para a “virtude” ou para a “temperança”, por exemplo, ele parece estar atrás de uma verdade que seja, de fato, imutável. Todavia, no interior dos diálogos da juventude, Platão não parece se posicionar para além dessa investigação. Esses diálogos ganharam o título de “aporéticos” justamente pelo fato de não trazerem qualquer resposta para a pergunta “o que é...?” realizada com tanto empenho por Sócrates. Somente nos diálogos mais maduros podemos encontrar alguns possíveis posicionamentos diante dessas questões. O primeiro diálogo em que isso ocorre, segundo a estilometria e uma variedade de estudiosos sobre o assunto, é o *Crátilo* – um diálogo que versa sobre a linguagem no mundo antigo. Nele, encontramos, manifestado em duas personagens emblemáticas, duas concepções antagônicas da linguagem e suas possíveis relações com a verdade.

A personagem homônima ao diálogo, por exemplo, acredita que a linguagem tem uma relação direta com as coisas. O chamado *naturalismo* que ele defende é, talvez, a concepção mais antiga da humanidade sobre o tema – encontrada, por exemplo, na maneira como os poetas e os adivinhos antigos se relacionavam com o divino. Ela é a linguagem inspirada pelas *Musas* que inspiram o poeta a construir e a modelar a realidade através dos seus discursos. Já em contraposição a ela, encontramos a personagem Hermógenes que, defendendo uma concepção oriunda dos sofistas e guerreiros arcaicos, compreendida a linguagem de maneira *convencional*, implicando num profundo distanciamento da linguagem com a realidade. É, em meio a esse debate, que Platão parece se posicionar pela primeira vez – refutando ambas as teorias e lançando a base de sua própria interpretação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O referente trabalho foi construído a partir de uma análise sistemática da bibliografia primária em contraste com as opiniões estabelecidas pelos principais estudiosos do tema. Nos primeiros meses, por não termos o devido contato com o filósofo em questão, procuramos compreender a maneira em que Platão construía seus diálogos. Foi importante, sobretudo, as dicas e os encontros com o orientador para que pudéssemos, paulatinamente, responder as dúvidas mais basilares. Depois, buscamos, na medida em que fizemos a leitura e o fichamento das obras adotadas, aprimorar o uso das normas da ABNT – pesquisando livros e *sites* sobre o tema. Ressaltamos também que, para fazer uma pesquisa em filosofia e num pensador que comunica suas ideias através de diálogos, é necessária uma leitura mais imanente de suas obras. Por isso adotamos, desde o início, o método analítico que extrai hermeneuticamente os diversos sentidos que um mesmo termo pode ter. Por fim, como trabalhamos com um filósofo do mundo grego, buscamos apreender melhor a sua própria cultura – assim como sua língua. Utilizamos dicionários e léxicos para uma melhor compreensão de algumas passagens do texto e isso acabou por se revelar como um recurso imprescindível para quem pesquisa autores e/ou pensadores de um período muito longínquo.

## RESULTADOS

Até o relatório parcial, buscamos entender como a linguagem era trabalhada no mundo antigo. Mapeando as duas importantes vertentes trabalhadas no próprio diálogo em questão, conseguimos compreender que as origens das teorias contemporâneas da linguagem – como a teoria referencial, por exemplo – são oriundas ainda de uma interpretação grega que acreditava que a linguagem e as coisas tinham uma necessária relação entre elas. Após esse período de análise do mundo grego, procuramos entender o próprio pensamento de Platão acerca da linguagem e visamos extrair do interior do diálogo apontamentos de sua teoria. Conseguimos, por exemplo, identificar em que momentos Sócrates parece refutar seus interlocutores fazendo-os perceber suas contradições. Por fim e, especialmente, conseguimos no término da pesquisa ter uma posição diante do diálogo que, durante boa parte da sua trajetória histórica, é dito como de difícil interpretação.

## DISCUSSÃO

Demonstrando como as coisas não são da mesma maneira para todos, simultaneamente e para sempre, nem que cada coisa é para cada um em particular (*Crátilo*, 386e), a personagem Sócrates parece refutar o convencionalismo, afirmando que é *evidente* a necessidade de que as coisas tenham uma certa entidade estável que seja em si mesma e relativamente a si mesma. Essa posição faz com que ele se aproxime do *naturalismo* que, ao decorrer de todo o diálogo é mais expresso pela boca de Sócrates que do próprio Crátilo que parece nada falar. Entretanto, através de uma longa e cuidadosa análise das etimologias, Sócrates também chega à conclusão de que é preciso existir certo convencionalismo na linguagem, pois, em muitas palavras não encontramos qualquer relação da linguagem com a coisa a qual ela se identifica. É nesse ponto que Platão parece propor que se coloque a verdade no interior dos discursos (430d-e) para, através do exercício dialético, analisar em que medida estamos se aproximando ou se afastando da coisa a qual queremos nos referir.

O filósofo, afirma ele, é o melhor que pode analisar as relações entre a linguagem e a verdade, pois, através da análise dialética pode descobrir o que há de imutável nas coisas e estabelecer, assim, uma relação entre elas e os discursos. Os demais acabam por cair em erro ou em contradição por não admitir certa fixidez no fluir das coisas. Crátilo, por exemplo sendo um discípulo de Heráclito e acreditando no naturalismo, aponta para as coisas em vez de falar. Pois, como ele poderia falar das coisas se elas sempre estão em uma constante mudança? É aqui, portanto, que acreditamos que Platão lança os seus germes das hipóteses inteligíveis. De uma maneira bem sutil, Sócrates desmembra os seus interlocutores – e as vertentes que eles representam – e põe em destaque a hipótese de que através da dialética, o filósofo pode descobrir o *eidos* das coisas.

## CONCLUSÕES

Estudar as relações entre a linguagem e a verdade em Platão é tocar em dois importantes tópicos da contemporaneidade. Na filosofia atual, o tema da linguagem encontra um destaque *sui generis*, mas poucos trabalhos buscam trazer concepções oriundas dos tempos mais antigos. Parece que a linguagem é um produto apenas do homem atual que, por conta do crescente avanço tecnológico, tenta compreender a maneira como pensa e se comunica, para melhor construir equipamentos e máquinas que saciem suas dificuldades. A verdade, ao contrário, parece ter sido completamente esvaziada de sentido. No século das mais extravagantes e diversas opiniões, a verdade é vista como algo subjetivo e, por conseguinte, raramente discutida. Trazer à tona esses dois elementos, portanto, é demonstrar como desde sempre a verdade é fruto da nossa própria linguagem e

tem seu valor na nossa própria estrutura como homem. Afinal, como o próprio Platão parece inferir no *Crátilo*, para que haja diálogo é preciso antes de tudo estabelecermos definições invariáveis, pois, dentro de um completo relativismo não podemos efetivamente nos comunicar com o outro.

## AGRADECIMENTO

Agrademos, sobretudo, ao professor Anastácio Borges de Araújo Junior por disponibilizar tanto a sua sala quanto seus conhecimentos para a pesquisa e a *Propesq* pela oportunidade de executá-la.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

FIGUEIREDO, M. Platão: **Crátilo**. Introdução de José Trindade Dos Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

OSMANCZIK, S. Platón: **Cratilo**. México: Instituto de investigaciones filológicas, 1988.

PALEIKAT, J; COSTA, J. **Político**. In: Platão. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os pensadores).

### Fontes secundárias

AKRILL, L. **Language and reality in Plato's Cratylus**. In: Essays on Plato and Aristotle. Oxford: Clarendon Press, 1997

CASERTANO, G. **Paradigmas da verdade em Platão**. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Loyola, 2010.

CORNFORD, M. **Principium Sapientiae**. As origens do pensamento filosófico grego. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

DENYER, N. **Language, thought and falsehood in ancient Greek**. New York: Routledge, 1991.

GOLDSCHMIDT, V. **Os diálogos de Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GRUBE, A. **El pensamiento de Platón**. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

GUTHRIE, C. **Os sofistas**. São Paulo: Paulus Editora, 2007.

KOYRÉ, A. **Introdução à leitura de Platão**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

KIRKHAM, L. **Teorias da verdade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

KRAUT, R. **Platão**. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2013.

MARROU, I. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: Editora Herder, 1966.

MCCOY, M. **Platão e a retórica de filósofos e sofistas**. São Paulo: Madras, 2010.

MIÉ, F. **Dialéctica, predicación y metafísica em platón: investigaciones sobre el sofista y los diálogos tardios**. Cordoba: Ediciones del copista, 2004.

PEREIRA, I. **Dicionário grego-português e português-grego**. Braga: Apostolado da Imprensa, 1970.

REALE, G. **Para uma nova interpretação de Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ROBLEDÓ, G. **Platón: los seis grandes temas de su filosofía**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986.

ROSS, D. **Teoria de las Ideas de Platón**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1989.

SANTOS, D. **Platão e a linguagem poética: o prenúncio de uma distinção**. Chapecó: Argos, 2008.

SCHAFER, C. **Léxico de Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

TRABATTONI, F. **Oralidade e escrita em Platão**. São Paulo: Discurso, 2003.

UNTERSTEINER, M. **A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica**. São Paulo: Paulus, 2012.